

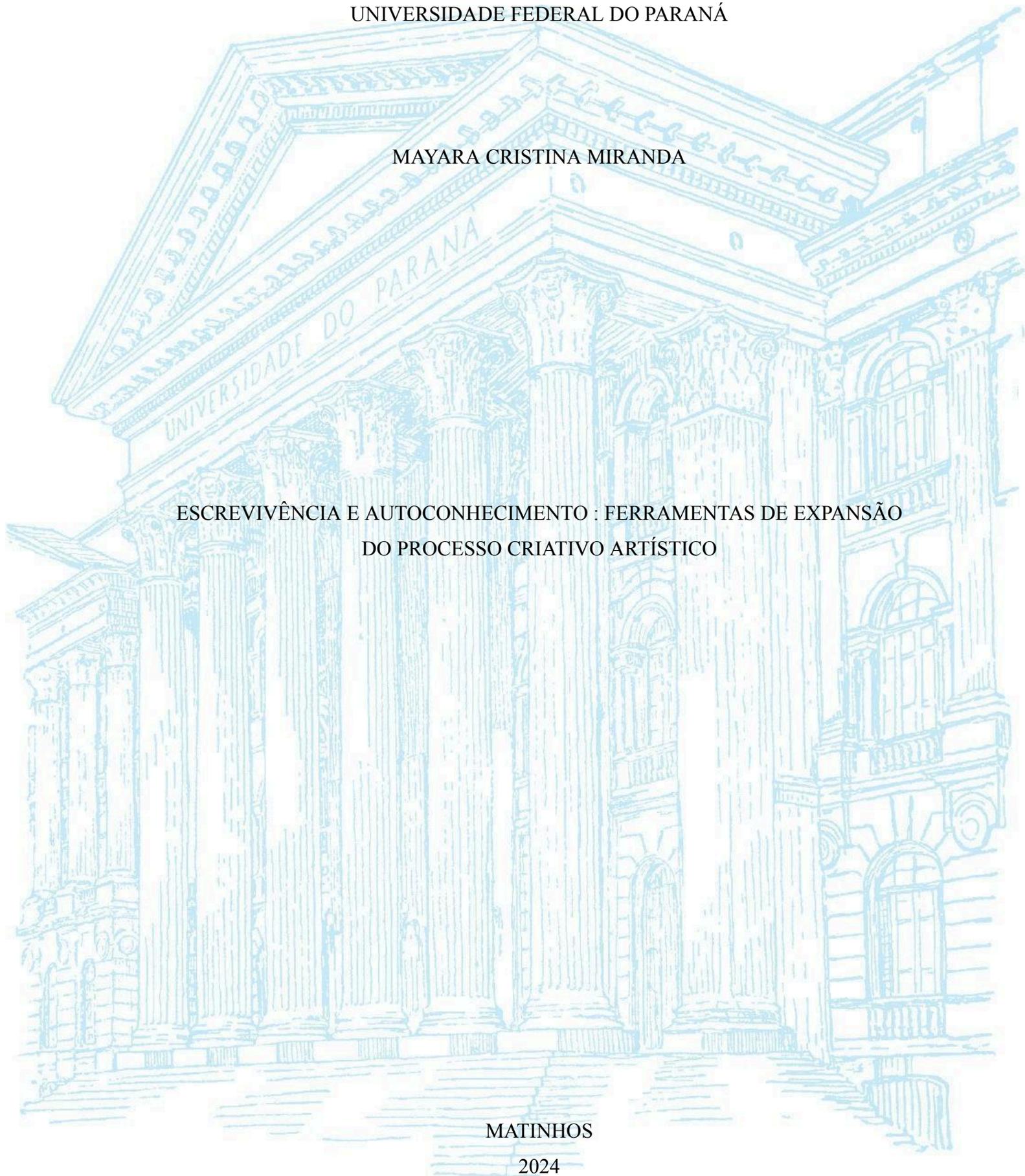
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAYARA CRISTINA MIRANDA

ESCREVIVÊNCIA E AUTOCONHECIMENTO : FERRAMENTAS DE EXPANSÃO
DO PROCESSO CRIATIVO ARTÍSTICO

MATINHOS

2024



MAYARA CRISTINA MIRANDA

ESCREVIVÊNCIA E AUTOCONHECIMENTO : FERRAMENTAS DE EXPANSÃO
DO PROCESSO CRIATIVO ARTÍSTICO

Trabalho submetido para obtenção
do título de Licenciada, Curso
Licenciatura em Artes.

Profa. Dra Natália Gomes dos Santos

MATINHOS

2024

AGRADECIMENTOS

Grata a Deus por me dar força e ânimo para permanecer no meu caminho em meio a uma pandemia com um turbilhão de sentimentos, frustrações e vitórias que surgiram nessa trajetória sempre acompanhada por Sua proteção e provisão. À minha família que me aqueceram com suas palavras de consolo, orações, sorrisos e abraços de amor em especial ao Augusto Pereira um avô querido que através da sua simplicidade, carinho e fé reavivou a minha fé.

Agradeço a meus amigos de curso pelo apoio, conversas, choros e risos em meio ao desespero dos finais de semestre. Minhas orientadoras, Prof.Dra. Ana Elisa Freitas e a Profª.Dra. Natalia Gomes que me auxiliaram delicadamente respeitando o meu transbordar, e de forma poética me ensinaram a ter um olhar atento às diversas linhas de conhecimento que podemos tecer, me guiaram de forma linda e sensível para um olhar racializado, anti capacitista, humilde e respeitoso características estas imprescindíveis para minha formação. Por fim agradeço à Prof.Dra. Giselle Kliemann que orientou e acompanhou meu primeiro voo na pesquisa, me incentivou e me deu liberdade para explorar minhas capacidades durante o estágio auxiliando a me ver como arte-educadora.

RESUMO

Este trabalho é um relato descritivo da transformação gradual que ocorreu no processo artístico tomando forma a partir da escrevivência e autoconhecimento. Apresenta uma transição da autoimagem impactando nos processos de criação e resultando no vídeo-performance ESSÊNCIA. Desenvolvido a partir de autoanálise, conexão com a espiritualidade, experimentações corporais e leituras de textos das escritoras negras Conceição Evaristo, Bell Hooks, Grada Kilomba e Carla Akotirene.

O vídeo é um símbolo da importância e influência da escrevivência e autognose no processo de criação do artista negro. Este trabalho foi um divisor de águas, revelando-me que a mulher negra é fonte de inspiração e criatividade, sua potência deve ser celebrada. Profissionalmente, cresci me entendendo como pesquisadora e arte-educadora e, pessoalmente, encontrei minha voz.

Palavras-chave: Escrevivência. Autoconhecimento. Autoimagem. Processos criativo artístico. Espiritualidade.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1	Autorretrato
Figura 2	Mapa mental digital
Figura 3	Mapa mental manual
Figura 4	Questões e ideias
Figura 5	O casulo do medo
Figura 6	Cobranças
Figura 7	(De)Formas
Figura 8	Corpo-barro frente
Figura 9	Corpo-barro tras
Figura 10	Decantação
Figura 11	O barro e o Oleiro
Figura 12	Desapego
Figura 13	Gestação
Figura 14	Imensidão
Figura 15	Caderno do artista
Figura 16	Diário de campo
Figura 17	Caderno devocional
Figura 18	O voo I
Figura 19	O voo II
Figura 20	Pretas acadêmicas
Figura 21	Corpo-templo
Figura 22	Corpo-mar
Figura 23	Corpo-chão
Figura 24	Corpo-céu
Figura 25	Detalhes

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO.....	4
LISTA DE FOTOGRAFIAS.....	5
SUMÁRIO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
1 ENRAIZANDO: A ARTE DA MULHER NEGRA É RESISTÊNCIA.....	10
2 DO CASULO AO VOO.....	16
O CASULO.....	16
O MERGULHO.....	25
A ESCRITA.....	28
O VOO.....	31
VÍDEO-PERFORMANCE.....	35
ESSÊNCIA.....	37
ELEMENTOS E SIGNIFICADOS.....	39
DAS COPAS: FLORES E FRUTOS.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

Tear, equipamento manual ou eletromecânico é nele que se criam os tecidos, as urdiduras ou urdume são os fios que definem o comprimento e largura do tecido enquanto que as tramas são fios que se cruzam para dar espaço às tecituras elas são os fios que entrelaçam na trama e formam o tecido e aqui quero apresentar um pouco das tecituras que até então me formam num tecido do tipo de linho mais fino.

Sou Mayara Cristina Miranda estou em processo de criação nesse tear que é a vida sempre fui uma curiosa em constante movimento eu não sabia o que era andar só correr, aproveitei ao máximo a infância em um ótimo ambiente no meio do mato com vacas e cavalos, plantação de amendoim, pé de amoras, carambolas entre muitas outras frutas e verduras depois por um tempo esse fio do mover corporal ficou escondido no meio das tramas e apenas a minha mente se movia em ritmo frenético. Na adolescência morando na cidade fui incentivada por meus pais a seguir o caminho que eu gostava fiz cursos de pintura, desenho e libras e ao terminar o ensino médio nos mudamos de São Paulo para Santa Catarina continuei meus estudos porém me distrai ao tecer e comecei a enforçar a peça, ou seja a sair da proporção da urdidura e diminuir o tamanho original do tecido, comecei a estudar tecnologia da informação fui parar em um ambiente predominantemente masculino e branco, local que intensificou minhas inseguranças, medos e ansiedade e a cada dia me diminuindo mais e mais, movidos pela preocupação meus pais me aconselharam a fazer uma pausa e observar o que eu produzia então decidi desfazer alguns pontos para então retomar as tecituras rumo à UFPR litoral.

Busco seguir a vontade de Deus utilizando a bíblia como bússola e tutorial para a vida, portanto após entregar em detalhes os meus planos à Deus que o realizou tudo melhor do que eu planejei, dei início aos estudos em licenciatura em artes no ano de 2020 e com medo mesmo me teci aberta a novas experiências entendendo que o processo é tão importante quanto o ponto final, esses fios me levaram a diversos módulos ricos em conhecimento, a culturas, exposições, troca de experiências, amizades, danças típicas, culinárias, momentos difíceis mas que com sabedoria venci e me tornei um lindo tecido óbvio um pouco torto afinal é minha primeira vez tecendo.

Escrever não fazia parte da minha realidade eu não produzia textos, pois não me achava capaz e sempre me via como uma mulher perdida, então comecei apenas com palavras soltas, minha pesquisa surgiu de muita curiosidade e palavras distribuídas em

mapas mentais cheio de linhas e pontos de interrogação seguido por diversos desenhos e produções com o barro. Após muitas reflexões iniciei as escritas livres, poemas e quando esses suportes não eram suficientes tentei voltar aos desenhos mas ao rever esse tecido encontrei uma característica no processo das tecituras que sempre esteve presente mas eu não percebia, o mover me vi interessada em me comunicar com o meu corpo por inteiro sentimento que nasceu após uma apresentação que fiz 2023 nomeada de “o voo da libélula” no módulo corpo e movimento lembro de apresentar e como me senti, eu estava livre como uma criança que se move no meio do mato que só se preocupa com o momento presente e ainda não tinha vivenciado o racismo, minha pesquisa é essa junção de fios desenho-escrita e o mover do corpo, movimento este que ora é fluido ora interrompido, volta uns pontos mas continua segue no próprio ritmo de uma tecelã aprendiz.

Sob orientação da Professora Dra. Natália Gomes e após diversas experiências fui tomando consciência da potência que sou porém o ponto de partida ocorreu após ser fortemente e positivamente impactada no III Seminário de Pretas Acadêmicas: Pesquisadoras Pretas na Academia, realizado pela SIPAD, na UFPR foi um encontro lindo e estimulante, percebi que não estou sozinha a imagem das muitas mulheres negras pesquisadoras juntas foi um incentivo para tomar a decisão de me apropriar desse lugar de pesquisadora, falar sobre a potência do corpo negro, autocuidado e amor próprio.

Direcionei meus estudos ao tema racismo que por muito tempo eu evitei pois doía, porém a cura vem quando identificamos e tratamos as feridas. Nesta pesquisa busco respostas para os seguintes questionamentos: quais são as feridas causadas pelo racismo? Como o racismo afeta a forma de me ver, ser e estar no mundo? Porque esta pesquisa é relevante para outros se fala apenas sobre mim? Como lutar e resistir através do amor? No processo criativo as produções surgiram de forma livre, através de análises e comparações das produções com as leituras sensíveis, textos e poemas busco ver sentido e relevância desta pesquisa analisando a expansão gradual das produções artísticas.

O vídeo-performance veio da necessidade de expandir a produção artística, quem antes se encaixava em um papel 20x20 toda apertada e diminuída hoje com todo seu corpo reivindica espaços para fluir sua essência rompendo crenças limitantes, construindo uma nova autoimagem e promovendo representatividade. A construção do vídeo-performance envolveu apenas três mulheres e o processo de criação levou três dias divididos em um dia para gravação, outro para fotos e um dia de edição do vídeo.

No primeiro capítulo trago conceitos, raízes teóricas que firmaram e nutriram o processo criativo, entrelaçando o amor, a escrevivência, interseccionalidade e

espiritualidade. Para falar de amor como resistência trago Bell Hooks, artista negra e ativista antirracista. Pertencimento através da escrevivência conceito construída pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. A escrita e representatividade nos poemas de Upile Chisala e textos de Gloria Anzaldúa mulheres que de forma poética e sensível nos convidam a refletir sobre a autoimagem. Reflexos do racismo foi trabalhado a partir dos textos de Grada Kilomba e interseccionalidade por Carla Akotirene. As experimentações e análise de educação somática foram realizadas a partir do texto de Débora Bolsanello.

O segundo capítulo é um relato detalhado do progresso dos processos criativos, desde os desenhos, pinturas, mapas mentais à molda com o barro, desenvolvimento da escrita até chegar ao vídeo-performance. O último capítulo é uma análise deste processo relatando os resultados obtidos.

1 ENRAIZANDO: A ARTE DA MULHER NEGRA É RESISTÊNCIA

“...como você ama a você mesmo.” (Mt 22,39)

Este capítulo apresenta o entrelaçamento das raízes, o trabalho é como uma árvore vista desde sua base, percorrendo o caule e chegando aos frutos. Desenvolvido a partir dos atravessamentos que ocorreram ao mergulhar no autoconhecimento e na compreensão da potência de ser negra, o trabalho a seguir é um registro do processo de internalização do amor pela cor, traços e modos, utilizando esse amor como ferramenta de resistência política. Esta pesquisa explora o caminho do amor próprio, autoimagem e autocuidado, sendo um relato dos impactos causados nas produções artísticas gerados pela descoberta e relevância da potência de amar a negritude, permitindo-se e vendo a própria grandeza.

bell hooks (2019), em seu livro "Olhares Negros", define que amar a negritude é como um ato de dar cor a uma mente embranquecida, ou seja, descolonizar e romper pensamentos que insinuam que negros estão e devem permanecer em posição de vítima, inferior e inadequados. O ato de pesquisar está vinculado a descobertas: “Pesquise para constatar, constatando intervenho e intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar a novidade.” (Freire, 1997, p.88.) . Partindo do desejo de mudar a realidade imposta e descobrir a essência da mulher negra que não é atravessada pelo olhar colonial, surgiu esta escrita, ou seja, uma escrevivência. O conceito de escrevivência, criado por Conceição Evaristo, entrelaça a escrita com as vivências destacando que essa forma de escrever não é narcísica, mas sim uma expressão que carrega as narrativas da coletividade. Trata-se de um processo criativo artístico que emerge das lembranças e experiências cotidianas das mulheres negras, visando valorizar a população afro-brasileira. A escrevivência reivindica identidade e potencializa as vivências do povo negro, transformando suas histórias em uma forma de resistência e afirmação cultural. Assim, a escrevivência se torna um meio poderoso para dar voz às experiências frequentemente silenciadas, promovendo um diálogo mais inclusivo sobre identidade.

Este corpo que vos escreve representa todo um povo, este corpo conta a história de muitos, um corpo que se move e conquista seu espaço e sua voz para que os seus não sejam esquecidos (Chisala 2023, p. 56). O objetivo é apresentar como os processos criativos mudaram através do autoconhecimento e ampliaram as produções artísticas, conquistando liberdade para que o sujeito se desenvolva, amadureça e se expresse livremente em diversas

formas criativas, sendo escrita, produções sonoras, pinturas e desenhos, teatro, instalações ou performances.

...Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente a suas pernas...Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos. E nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol (Conceição Evaristo,2020, p.49).

Enquanto comunica o seu desejo e desespero no movimento, ao mesmo tempo que, de maneira informal, educa as filhas observadoras, ela interage concentrada com e no ambiente, imprimindo e chamando o sol. Essa pesquisa também é um chamado construído por múltiplas linguagens artísticas a fim de acessar o negro no lugar mais escuro e profundo, criando e cuidando da alma desde a raiz, no centro do corpo negro (Anzaldúa 2000, p. 232). É uma escrita para nutrir amor, constatar, registrar, conhecer e anunciar o grande florescer do sujeito negro que foi pisoteado e sufocado desde o solo.

“...pois todo aquele que pede recebe; o que busca encontra...” (Mt 7:8)

Buscando um lugar ao qual pertencer, nos encontramos conectados à terra, no solo desta floresta repleta de grandes árvores e plantas potentes que merecem espaço para crescer e encontrar o amor próprio. Amar a negritude e se permitir não é fácil o sujeito se descobre estar numa floresta com flores tomadas por pragas que se espalham e adentram sob a pele negra. Desde a infância, se alastram e geram auto-ódio, desde as folhas ao caule, chegando ao âmago do adulto, fazendo-o acreditar que é inferior e incapaz. Porém, “para se curar, você há de chegar à raiz da mágoa e abraçar até o talo” (Rupi Kaur, 2018, p. 235). Importante arrancarmos essas pragas opressivas para que a raiz se desenvolva saudável e forte, produzindo e compartilhando flores e frutos. Para isso, é importante saber o que é essa praga: racismo e como algumas raízes foram afetadas.

Conforme abordado por Grada Kilomba (2019),o racismo é uma estrutura de opressão que não apenas discrimina mas também perpetua feridas emocionais e psicológicas profundas no sujeito negro. Essa forma de violência se manifesta através de estigmas sociais, desumanização e a constante desvalorização da identidade negra levando

a um estado de vulnerabilidade emocional. As experiências cotidianas de racismo podem resultar em traumas que afetam a autoestima gerando sentimentos de inadequação e alienação. Além disso, a internalização de estereótipos negativos pode criar um ciclo de dor e sofrimento onde o indivíduo luta para afirmar sua identidade em um contexto que frequentemente nega seu valor intrínseco. O racismo é uma questão social que impacta profundamente a autoimagem e o bem-estar do sujeito negro, é formado pela junção de três características: (i) um sujeito que é visto como “diferente do normal”, sendo este normal definido pelo grupo que tem poder para se colocar nesse lugar de pessoa padrão; (ii) uma hierarquia imposta, onde se utiliza dessa “diferença” para desumanizar e colocar os indivíduos em um lugar de inferioridade; e (iii) o poder, já que a sociedade branca possui influência histórica, política, social e econômica. Em seu texto ela categoriza o racismo, que ao longo do tempo foi sufocando o sujeito no subsolo e definindo a forma que são afetados em diversas áreas da vida como acesso a direitos, identidade, saúde, relacionamentos e precarização do trabalho.

O racismo estrutural tem como característica a exclusão de pessoas negras em estruturas sociais e políticas perpetuando a exclusão da população negra em diversos âmbitos da vida cotidiana. Essa forma de racismo não se limita a atos individuais de discriminação, mas está enraizada nas instituições e normas que moldam a sociedade, criando barreiras que dificultam o acesso a oportunidades e direitos fundamentais. O racismo institucional refere-se à prática de conferir privilégios e destaque às pessoas brancas, esse tipo de racismo é muitas vezes sutil e sistemático, manifestando-se em normas, procedimentos e estruturas que, embora possam parecer neutros à primeira vista, resultam em desvantagens para pessoas negras e outras minorias raciais. O racismo cotidiano é um conjunto de atitudes, como discursas, imagens, ações e olhares, que colocam pessoas negras para representar aspectos reprimidos da sociedade branca. Portanto, sempre que a pessoa negra é colocada como incapaz, intrusa, raivosa, violenta, selvagem e desejável, ela está vivendo o racismo e forçosamente se tornando o “Outro do outro” sendo privada do direito de ser livre, estar e interagir no mundo (Kilomba 2019, p. 78). A expressão "a mulher negra é o Outro do outro" enfatiza a posição complexa que as mulheres negras ocupam na sociedade, marcada por uma interseção de opressões. Enquanto as mulheres brancas podem ser vistas como o padrão ou a norma dentro da categoria feminina, as mulheres negras são frequentemente sujeitas à condição de "Outro", tanto em relação aos homens brancos, quanto em relação às próprias mulheres brancas. Mulheres negras são definidas em oposição a esses grupos dominantes, sendo frequentemente

invisibilizadas.

Carla Akotirene (2019) em seu texto sobre a interseccionalidade evidencia que nessa floresta não há apenas um tipo de planta, existem variedades há plantas que se desenvolvem, enviam e recebem nutrientes se fortificam e juntas lutam contra os ventos fortes e as pragas isto é, o racismo, sexismo, classicismo, capacitismo, xenofobia, homofobia, transfobia e intolerância baseadas em crenças. A interseccionalidade é um estudo que articula as lutas e apresenta ramos que se sobrepõem, se convergem formando os pontos de intersecção das identidades sociais de uma pessoa “é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade” (Akotirene, 2019, p. 24). Esse grupo é frequentemente atingido por essas intersecções dos ramos sendo elas gênero, raça e classe é na interseccionalidade que se compreende a dimensão dessa floresta e a importância desse corpo negro ocupar espaços participando dessa luta em conjunto. Neste solo pode haver raízes sedentas que escolhem seguir em direção a um rio de águas vivas que flui e fortifica cada ser que tem sede (Jo 7,37-38) é uma flora com histórias e com atenção podemos ouvi-las.

...Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter ouvidos, olhos e o coração abertos.”(Conceição Evaristo 2017, p.111)

Entendendo que somos sujeito negro potente, e que não estamos sozinhos surge então a curiosidade que impulsiona a pesquisa a seguir em frente, o quão grande podemos ser? Quão longe podemos chegar? Como podemos aprender mais, ensinar e motivar? “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (Freire 1996, p.83). Tais inquietações foram fios condutores para transportar a pesquisa do papel para o corpo.

“...O seu corpo é uma benção...sua alma vive numa casa de histórias, seu corpo é memória” (Upile Chisala 2020, p.110). Dançar é liberdade, é registrar as vivências, é memória, é movimento. Mover-se é conversar sem palavras, é mergulhar nos lugares escuros dentro de si, encontrar respostas ou mais perguntas. É falar sem que as palavras tenham chegado à língua, é destruir e reconstruir, é abraçar a cura, expressar os sentimentos mais profundos. É ter autocuidado, é um ato de gratidão

Cuidar-se, amar a negritude, além de nos libertar, é uma forma de honrar e ser grato a Deus. É fazer assim como Miriam, que, após a libertação de seu povo, dançou movida pela gratidão e alegria (Êx 15,20). O corpo negro que dança confronta uma sociedade que insiste em invisibilizar, agredir e sexualizar, personificando as fantasias brancas nesses corpos negros mas, “querida, o seu corpo não é um cemitério para as inseguranças dos outros” (Upile Chisala 2020, p. 120). Você é única, especial, um ser em constante movimento e, se desloca, não se cala, não permanece no cala.

No tear, 'cala' é o nome dado ao espaço entre os fios da urdidura. Algumas linhas negras foram cortadas e outras usadas de remendo. Cala é lugar de passagem, é onde os longos fios passam pela trama para tecer uma nova fiada. É nos apropriando da técnica de tecer que conseguimos ressignificar, transformar e construir uma nova autoimagem e amor-próprio e, enfim, entender “que criatura linda você é. Que criatura linda você sempre foi” (Chisala 2020, p. 111).

Com o objetivo de estimular essa linda criatura a perceber a si mesma pelo próprio ponto de vista, desconstruindo a forma como é percebida pelo outro, Débora Bolsanello (2005) vem ao encontro desse objetivo ao explicar que a educação somática é uma área de estudo teórico e prático focada no movimento e na conscientização corporal, a fim de impulsionar o sujeito a entrar em contato com as sensações, vivências e percepções do corpo. Um elemento importante utilizado nas práticas de corpo e movimento é o estímulo à observação de si e do outro para perceber e entender quem está se movimentando. Essa prática tem como objetivo fazer o espectador se sensibilizar ao ato de apreciar o outro. Bolsanello et al. (2005) relacionando com a pesquisa, entendemos que, quando primeiro nos conscientizamos de quem somos e de onde viemos, nos tornamos um corpo que pulsa a própria essência e confronta o observador. O corpo observado se move e é nesse movimento que as vozes ecoam por todo o corpo, deslocando-se desse lugar do Outro invisibilizado para o lugar de protagonista, que utiliza as linhas negras para se amar, discordar, denunciar, apresentar ideias e sonhar. O corpo negro se movimenta e, com esses fortes fios, tece novas memórias.

Nesta pesquisa, a transformação para novas percepções ocorreu a partir da tomada de consciência das sensações causadas durante o processo artístico e das análises dos desenhos e da escrita. Micro movimentos dos pulsos foram o ponto de partida para o percurso do corpo que experimenta saberes, um corpo que reflete desde a superfície turbulenta até o mais silencioso e profundo estado de consciência, não mais se conformando com os padrões impostos, mas sim vivendo a metanoia, a transformação da mente para

experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Rm 12,2)

No movimento de conscientização, desbloqueamos potências, refletimos sobre o todo em que estamos inseridos, investigamos os porquês da alma que impactam os hábitos e as tomadas de decisões, pois “o corpo humano é um organismo vivo, indivisível e indissociável da consciência” (Bolsanello, 2005, p. 100). O sujeito atento ao percurso artístico refina a capacidade de perceber-se e sentir-se, desde o pequeno ao maior movimento, seja suspirando, desenhando, moldando ou dançando. Quem antes estava perdida e paralisada, hoje se encontra e se desloca para uma versão diferente de si mesma rompendo o casulo. Assim como uma libélula, se permite sair para novas experiências, se vê capaz de nadar e mergulhar nas novas oportunidades e em sua própria negra imensidão, sem se afogar. Reconhece as próprias asas e se vê capaz de voar.

Já dizia Pascal no século XVII, citado por Edgar Morin (2000): “Não se pode conhecer as partes sem conhecer o todo, nem conhecer o todo sem conhecer as partes.” Fragmentos de um todo foram inicialmente distribuídos nos desenhos, em seguida no barro, expandindo para todo o corpo, ampliando assim a própria capacidade de percepção de ser e estar no mundo, conhecendo um sujeito que está se direcionando para uma nova maneira de se expressar, sem compromisso com o erro ou acerto, usando do improvisado para explorar e experimentar sensações e ações corporais.

2 DO CASULO AO VOO

Este capítulo é a descrição do processo criativo que ocorreu durante o curso de Licenciatura em Artes, após o trancamento administrativo do primeiro semestre de 2020 devido à pandemia, foram realizadas diversas atividades artísticas online e presenciais, período este que permitiu explorar diferentes ambientes e situações, desenvolvendo um olhar atento e sensível essencial para o processo criativo.

O CASULO

Partindo de orientações online pela Profa. Dra. Luciana Ferreira no segundo semestre, o percurso deu-se início após a proposta de uma escrita sobre si mesmo, utilizando o texto como inspiração o seguinte passo foi produzir um auto retrato. Em uma folha pequena de tamanho 20x20 metodicamente os desenhos se encaixam e outros ficam sobrepostos lembrando a figuras adesivas o formato e tamanho do suporte, ou seja, o papel para a realização desse desenho, as cores e elementos todos os detalhes dessa composição tem significados até então desconhecidos até mesmo para a artista.

Figura 1 - autorretrato



FONTE: Acervo pessoal (2020).

No primeiro semestre de 2021, sob orientação da Prof. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas, o mapa mental foi uma ferramenta utilizada para facilitar e ter dimensão das possibilidades dos processos seguintes. No centro desse mapa mental está a “mulher perdida” que se ramifica em questionamentos, desejos e palavras propulsoras.

Figura 2 - Mapa mental digital .



FONTE: Acervo pessoal (2021).

Imagem 3 - Mapa mental manual .



FONTE: Acervo pessoal (2021).

Imagem 4 - Questões e ideias .

Questões - Ideias

- Como posso me abençoar, me ajudar?
- Pesquisar pessoas que possam eu passar pelo processo?
- Costaria de trabalhar mais com a palavra, talvez poemas?
- Como ensinamentos que o barro me proporcionou referências com a bíblia?
- Tempo / lugar / tempo / aed
- Termos / partes?
- Poemas? → meu nome / pessoas que inspiram lugares, palavra, música = tudo que carregou
- Fotografias? → corpo
- Aprender a valorizar
- Partes de mim que destacam minhas origens do povo preto
- me amei cada vez mais

FONTE: Acervo pessoal (2021).

Dessas ramificações surge então o desenho intitulado “o casulo do medo” inspirada pelo processo da libélula que sai do casulo mesmo incompleta. Representa aflições que o sujeito acredita que impedem de prosseguir com a metamorfose, o sujeito sabe que há mais lá fora mas não consegue sair pois as mãos o assombram, seguram e o afundam.

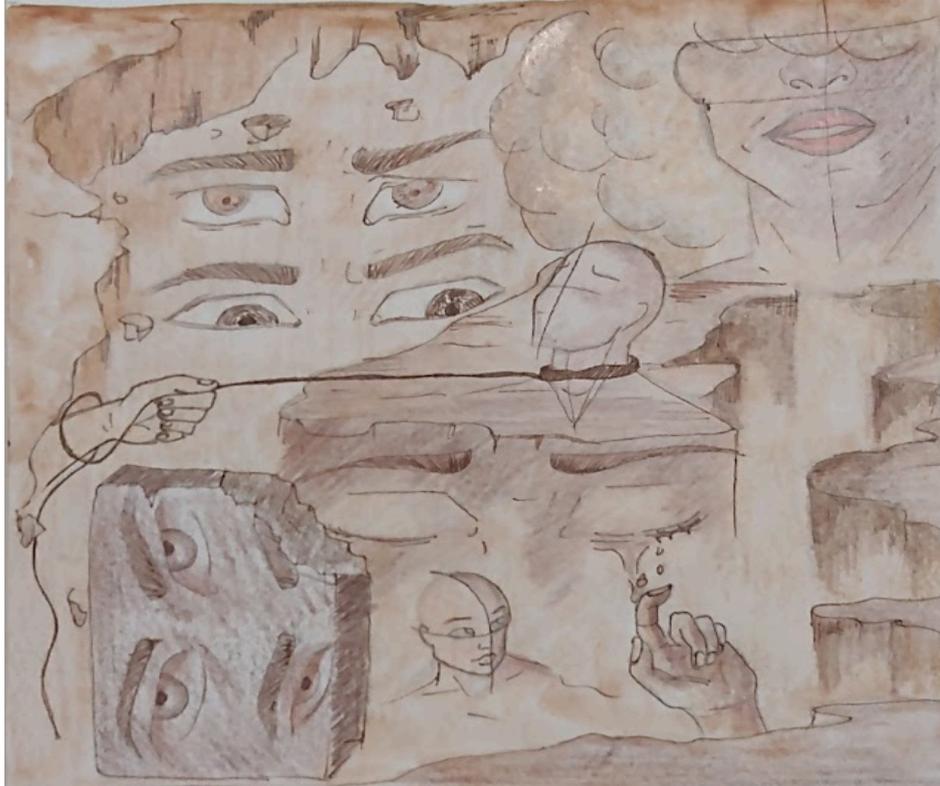
Figura 5 - O casulo do medo .



FONTE: Acervo pessoal (2021).

Ainda em período pandêmico o barro entra como ferramenta pedagógica e analítica e mesmo sem experiências a autocrítica exigia a produção de cerâmicas perfeitas sem erros, isso foi um bloqueio temporário dos processos. É desse espaço que surge o terceiro desenho, produzido com o pigmento do barro, e finalizado com caneta e lápis em tons de marrom representa a cobrança da própria artista para atingir uma perfeição inalcançável.

Figura 6 - Cobranças.



FONTE: Acervo pessoal (2021).

Tomando consciência dessa busca pela perfeição inexistente, as experimentações com o barro mudam e o que antes era moldado e amassado por não ser perfeito agora é moldado e amado em seus detalhes.

Figura 7 - (De)formas



FONTE: Acervo pessoal (2021).

Figura 8 - Corpo-barro frente



FONTE: Acervo pessoal (2021).

Figura 9 - Corpo-barro tras



FONTE: Acervo pessoal (2021).

A quarta obra “Decantação”¹ foi realizada em aquarela, não por acaso é uma técnica de adicionar água espalhando o pigmento de forma fluída. Essa produção faz alusão ao sujeito que se desconstrói das medidas que o prende para conhecer a verdadeira essência que flui em si com as águas. nome é inspirado no

Figura 10 - Decantação



FONTE: Acervo pessoal (2021)

¹ Processo físico que separa elementos misturados, o barro quando descansado fica ao fundo enquanto que a água desnecessária sobe e se separa do barro o deixando pronto para o próximo processo.

Dessa sequência de pinturas, esta é a quinta e última obra e se conecta com a produção anterior. Também produzido com o barro essa obra representa o entregar de tudo à um Deus oleiro que molda o barro em sua melhor forma suprimindo com água viva um ser às vezes perdido que está em processo de construção constante juntamente com a graça e paciência que Deus tem ao cuidar de seus filhos não sendo mais amassada por mãos brancas cruéis mas sim moldada pelas mãos do amor.

Figura 11 - O barro e o Oleiro



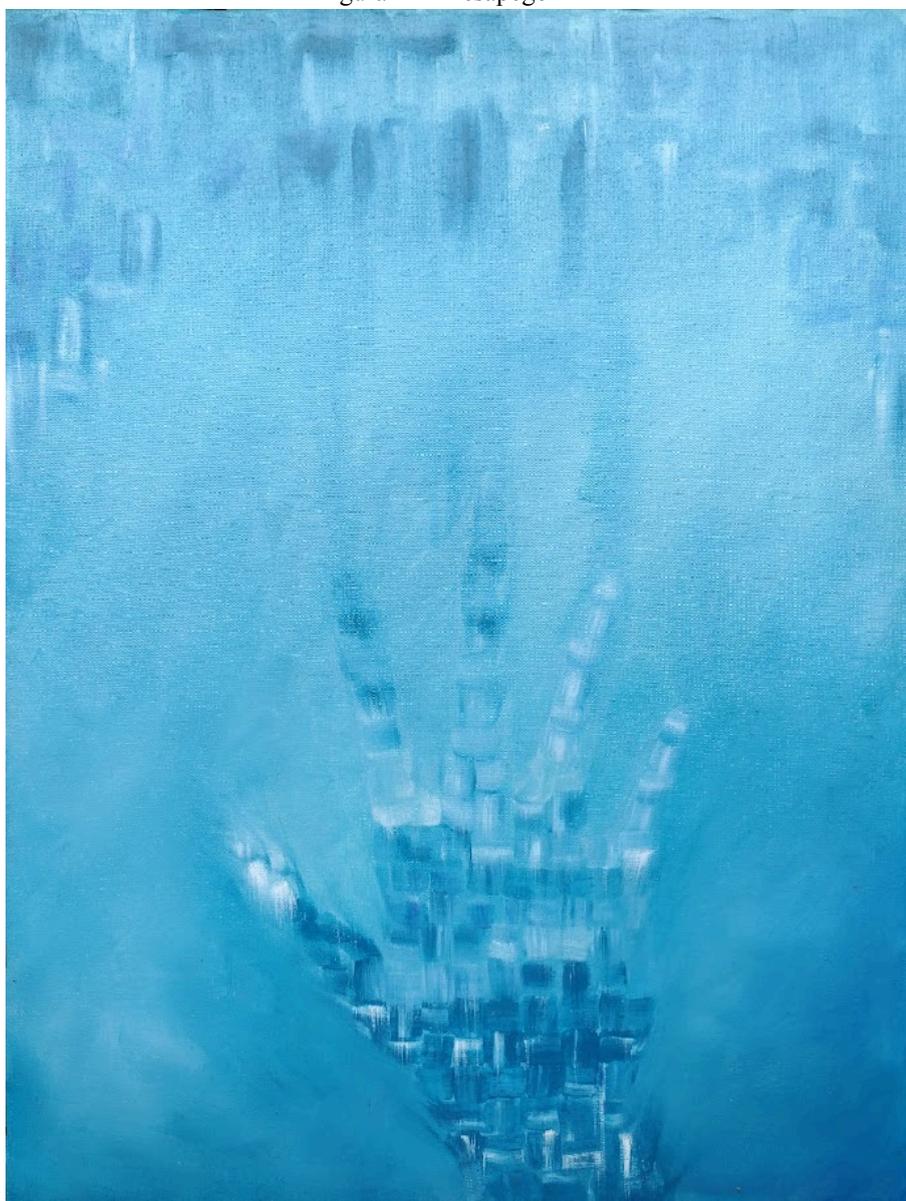
FONTE: Acervo pessoal (2021)

O MERGULHO

No primeiro semestre de 2022, após a pandemia, iniciaram-se as aulas presenciais na

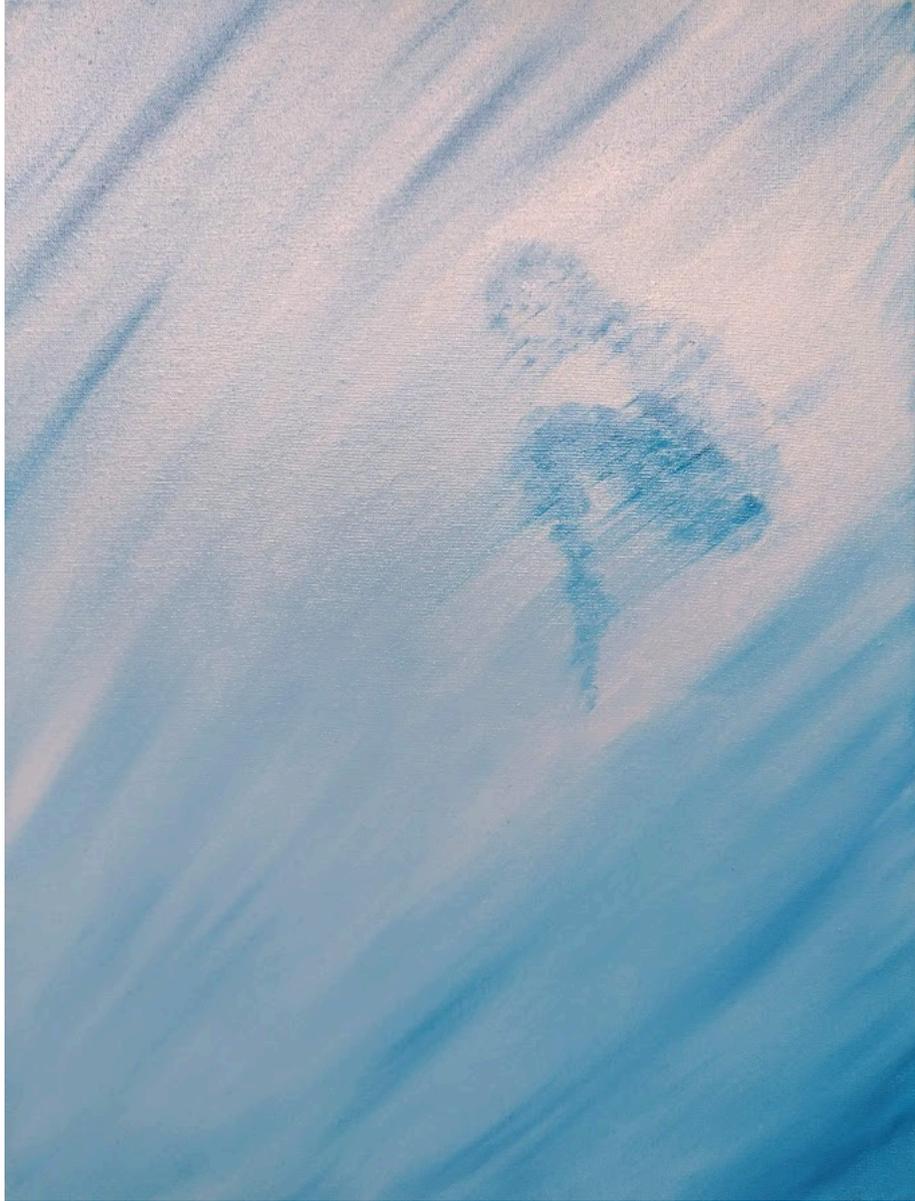
Universidade Federal na cidade de Matinhos, Paraná. Confiando que o processo é guiado e cuidado por Deus, rompe-se o casulo. A libélula, que saiu incompleta e em sua forma larval, mergulha na água, desapegando-se das velhas crenças limitantes e buscando suas asas. Surgem, então, as pinturas em tela, feitas com tintas a óleo, cuja secagem segue seu próprio tempo para estar pronta. Este trio de quadros representa o mergulho no eu mais profundo, o tempo de gestação e a compreensão do novo eu que surgirá ao primeiro suspiro do novo sujeito que se aprofunda nessas águas de si mesmo.

Figura 12 - Desapego



FONTE: Acervo pessoal (2022)

Figura 13 - Gestação



FONTE: Acervo pessoal (2022)

Figura 14 - Imensidão



FONTE: Acervo pessoal (2022)

A ESCRITA

Em meio ao mergulho a escrita livre se torna protagonista no processo do autoconhecimento, com isso foi produzido diários de campo, diário devocional² e caderno do artista, métodos que ajudaram a entender a escrita como ferramenta de auto análise.

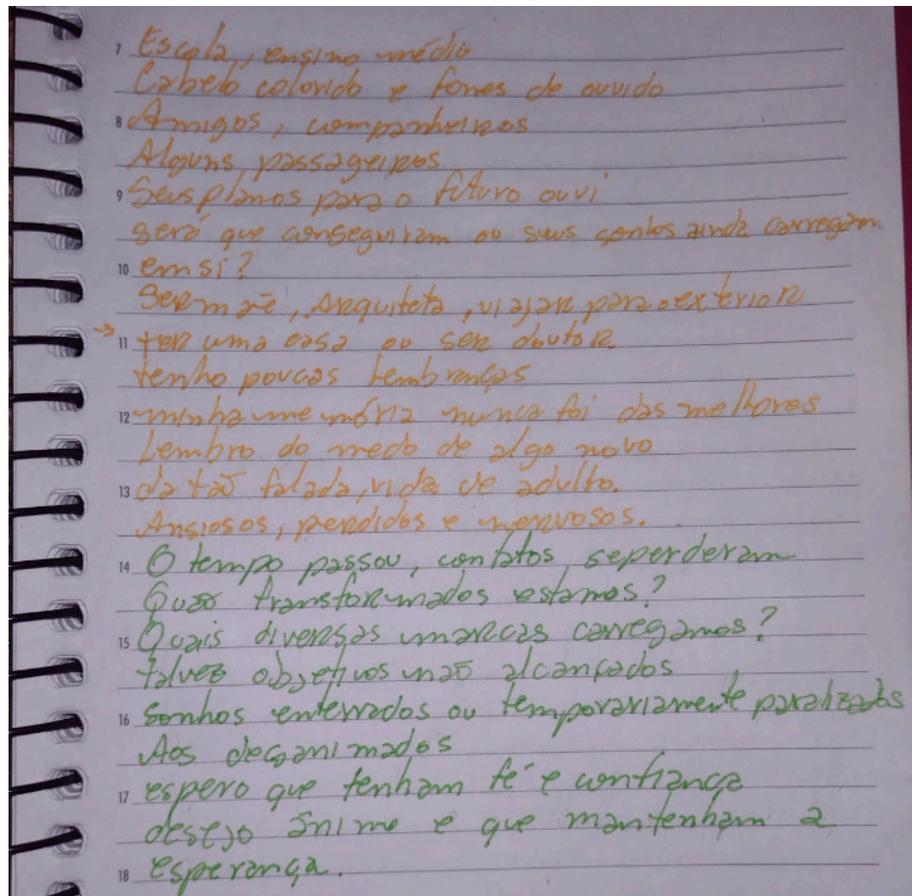
² Caderno de anotações, orações, fê, reflexões e experiências pessoais relacionadas à espiritualidade.

Figura 15 - Caderno do artista



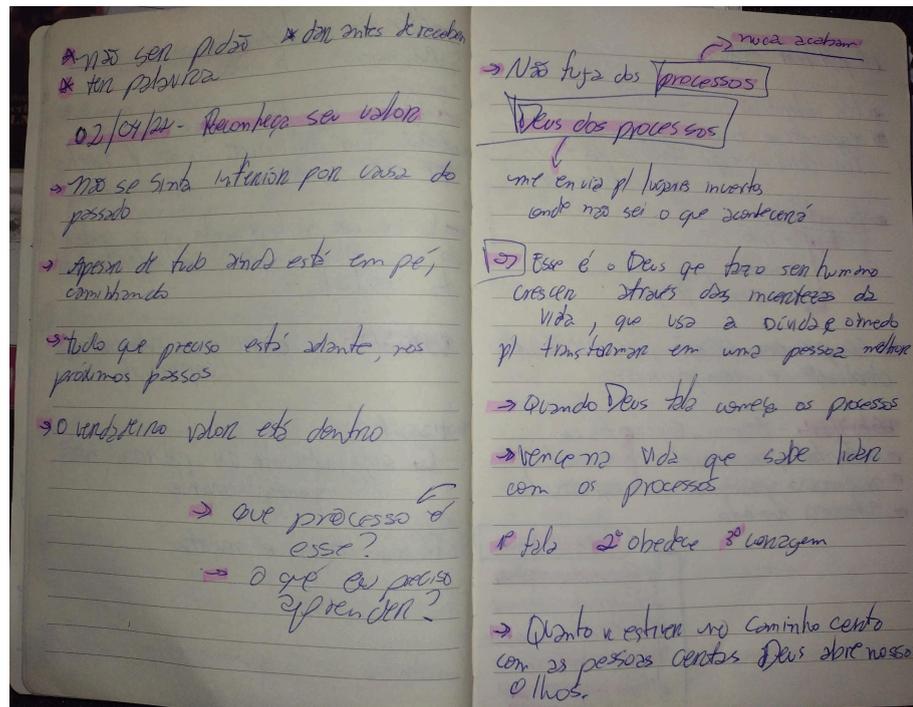
FONTE: Acervo pessoal (2022)

Figura 16 - Diário de Campo



FONTE: Acervo pessoal (2022)

Figura 17- Caderno devocional



FONTE: Acervo pessoal (2022)

O VOO

Corpo e movimento, aula prática que veio como um desafio para quem movia apenas braços e mãos em seus desenhos e pinturas. No primeiro semestre de 2023 das práticas em explorar os movimentos do corpo cria-se um vídeo de um minuto intitulado “O voo da libélula”³ nele a mulher que antes estava em seu mergulho finalmente tem suas asas e voa para os novos processos ao som da música Dona de mim da cantora IZA abaixo registros da apresentação:

³ Disponível no link:

https://drive.google.com/file/d/1_cJQItPomktSaSevTELCqZi67f0jrZmo/view?usp=drive_link

Figura 18 - O voo I



FONTE: Acervo pessoal (2023)

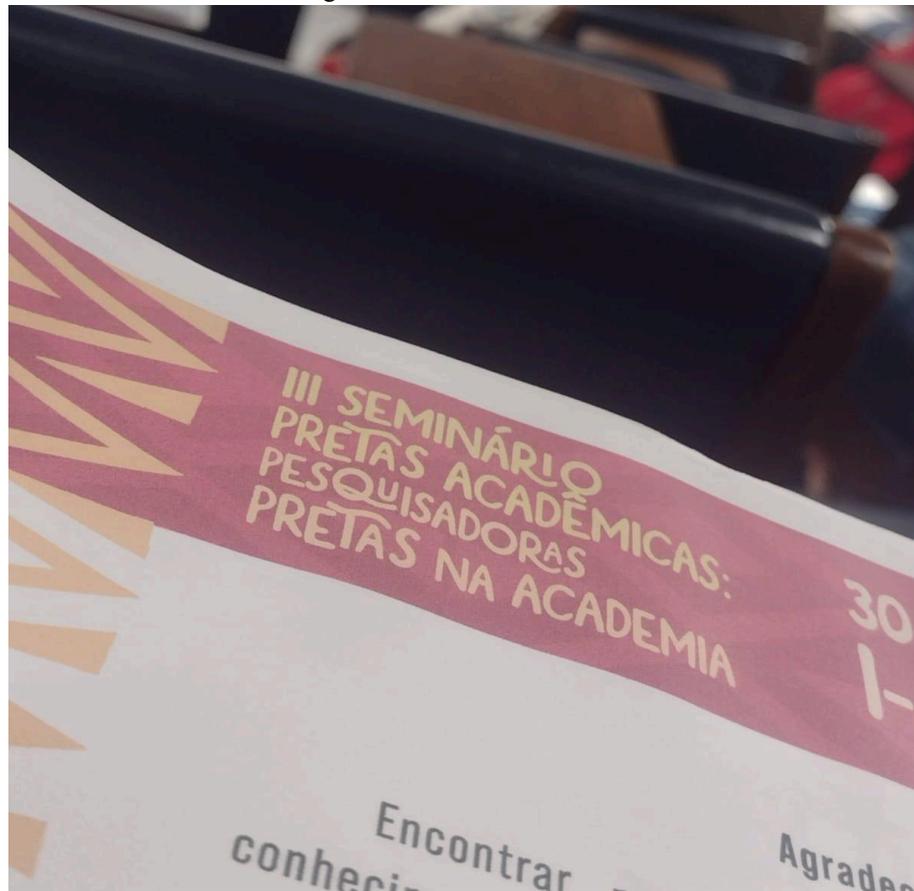
Figura 19 - O voo II



FONTE: Acervo pessoal (2023)

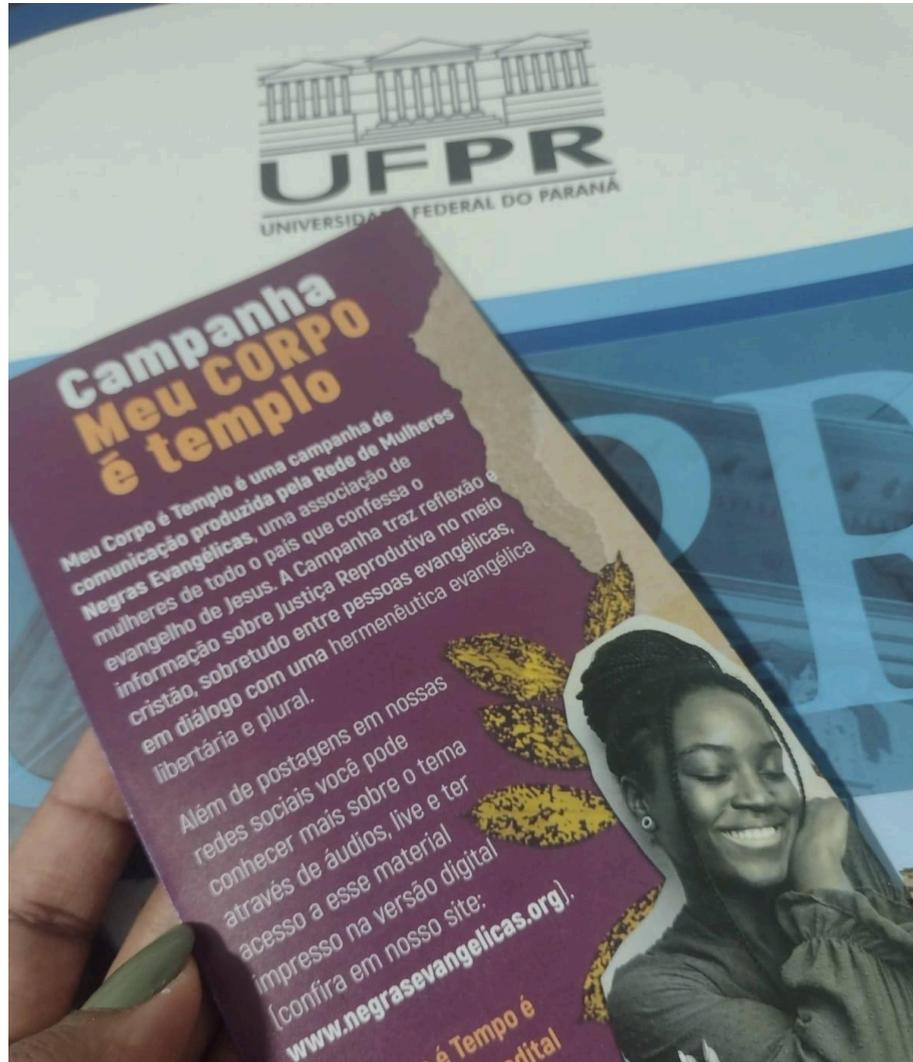
Neste mesmo semestre, a convite da Profa. Natália Gomes, participei como ouvinte do III Seminário de Pretas Acadêmicas: Pesquisadoras Pretas na Academia. Foi uma breve viagem de Matinhos a Curitiba em um veículo cheio de mulheres negras com lindos sorrisos, cabelos diversos e histórias em comum. No evento, me senti pertencente, livre e sem medos ou ansiedades; foi um lugar de acolhimento e, pela primeira vez, estava em um grupo onde éramos a maioria: mulheres negras. Esta vivência foi um incentivo para continuar a pesquisa e uma experiência estimulante para a curiosa pesquisadora que aos poucos despertava.

Figura 20 - Pretas acadêmicas



FONTE: acervo pessoal (2023)

Figura 21 - Corpo-templo



FONTE: Acervo pessoal (2023)

VÍDEO-PERFORMANCE

As etapas anteriores foram impulsionadas pela busca do autoconhecimento e melhor entendida através da escrevivência é através dela que surgem novas perspectivas das produções realizadas desde 2020 trazendo à consciência os efeitos do racismo e os efeitos da autognose impactando diretamente nas produções artísticas.

No segundo semestre de 2023 após estudos e leituras de escritores negros surge como parte dessa identidade em construção a identificação como pesquisadora ao ver sentido na pesquisa que vai ao encontro do conceito de escrevivência em seguida identidade de artista

ao analisar as próprias capacidades e produções. Em 2024 o seguinte objetivo foi reconhecer-se como educadora, isso aconteceu participando do estágio não formal este espaço foi de experimentação de movimentos e exploração das capacidades como educadora onde exigiu disciplina, foco, sensibilidade e resiliência foi espaço de reconhecimento do corpo e essas observações refletiram nas produção artística expandindo para um vídeo-performance.

Para tomar a decisão de realizar o vídeo, houve uma pergunta nessa etapa do processo que foi registrada nos diários de campo. “Senão agora, quando?” (The Chosen)⁴. Esta frase está presente no seriado “Os escolhidos” num contexto em que o protagonista questiona quando seguir o propósito, senão agora no momento atual independente dos resultados apenas seguindo o chamado então quando será? Essa pergunta persiste durante o processo de criação em variados contextos, “senão agora, quando?” se não for protagonista da própria vida agora, quando?

O vídeo-performance foi impulsionado por um conjunto de elementos:

Questionar: na investigação foi possível ter diversas vivências que só foram possíveis ao trabalhar a consciência e as emoções através de questionamentos estimulantes, se não falar agora, quando? Se não escrever agora, quando? Se não mover-se agora, quando?

Olhar atento e sensível: perceber a interdisciplinaridade acontecendo com um olhar atento à investigação e voar entre os espaços de pesquisa. Após diversos atravessamentos cresce a necessidade de ressoar a mensagem para além do papel e da tela.

Experimentar: para a produção do vídeo-performance foi necessário experimentar diversas técnicas e pelo caminho e deixar as velhas versões da mulher negra que estava sempre com medo do novo, com medo de se posicionar, com medo de não ser suficiente e dar espaço para a versão que experimenta, se posiciona, busca se conhecer, fazer-se respeitar, se potencializar e libertar-se.

Orientações: Com um olhar sensível é possível identificar bons conselheiros que nos orientam na pesquisa sejam eles família, amigos, professores ou vizinhos o olhar atento encontra saberes por onde passa criando pontes em cordilheiras tornando possível percorrer cada montanha que surgiu e ainda surgirá. Os orientadores foram vários, o Espírito Santo que oferece consolo e força, um bom abraço e conselhos da família e críticas construtivas das professoras.

⁴ The Chosen ou Os escolhidos, série de drama religioso lançada em 2017, pode ser assistida na Netflix, Globoplay ou site da produtora Angel Studios.

Descanso e fé: esses dois foram super necessários o descanso intencional foram cruciais para os processos criativos, esse descanso foi acompanhado pela fé, é com ela presente em cada etapa que em meio aos medos essa pesquisa foi se formando “Fé é o firme fundamento das coisas que não se veem” (Hb 11,1)

Esses elementos foram indispensáveis para a produção da versão original do vídeo-performance, tem 4 minutos e 26 segundos, intitulado ESSÊNCIA⁵ foi registrado na praia brava na cidade de Matinhos no estado do Paraná, executado, filmado e editado por duas mulheres, propositalmente não há efeitos, maquiagem e penteados a fim de expor a verdadeira essência tanto do ambiente quanto da mulher negra. O vídeo-performance é apresentado em dois materiais: o original de cinco minutos que surgiu de uma construção fluida, potente e sem nenhum tipo de impedimento no processo de criação e a segunda versão FLUIR⁶ que é um corte de um minuto onde os movimentos a todo momento são interrompidos.

A escolha de apresentar esses dois materiais é para auxiliar na análise de como a mulher negra é cerceada em uma sociedade racista, misógina e desigual porque se retomarmos as palavras de Grada Kilomba, Cida Bento e Sueli Carneiro verificamos que é isso que a sociedade faz com a mulher, reduzindo-a e objetificando o seu corpo. No entanto, se analisarmos a beleza do vídeo fluir observaremos que há nele a mesma potência que se encontra na versão estendida porque mesmo que tentem nos silenciar, cercear nós continuamos lutando e fluindo nossa potência em nossas veias.

ESSÊNCIA

Numa semana nublada surge apenas um único dia ensolarado na primeira quarta feira do mês de novembro no ano de 2024 após algumas horas de gravação e edição o conteúdo retrata uma mulher negra se posicionando e se amando enquanto se move, flui com e nas águas.

Para a realização do vídeo-performance foram utilizados como base os estudos dos quatro fatores de movimento de Laban: a fluência, espaço, peso e tempo explorando o ambiente natural, árvores e raízes, ondas do mar, ventos, montanhas e pássaros. Os movimentos com mais velocidade contrastando com os mais lentos e pontuais representando o fluir das agitadas ondas em meio às pedras na superfície e o mais silencioso e profundo

⁵ Disponível no link:

https://drive.google.com/file/d/1bBhdOi9HjimVzr5fQLyZxqVOaSSNQo_d/view?usp=drive_link

⁶ Disponível no link:

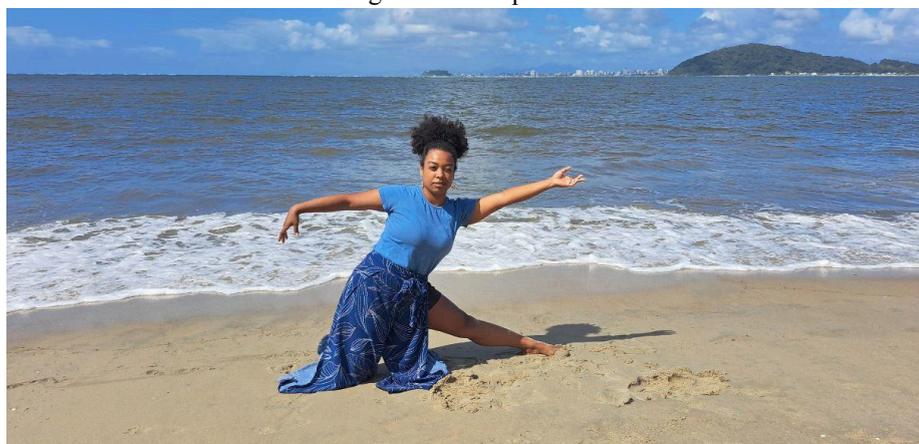
https://drive.google.com/file/d/1_pbFvbdgpOmmz_bSR9a4pBRjwmIazeJU/view?usp=drive_link

mar, é um corpo que acessa o ser-estar, corpo-mar, corpo-céu e corpo-chão. Para as gravações foi realizado um roteiro dividido em dois momentos:

O convite inicia com sons e imagens de ondas do mar e movimento-gravura na areia em seguida no centro da cena em posição de pescador parte com os movimentos de improvisação inspirados tanto nas ondas quanto em movimentos de pescadores jogando a rede na água. O conjunto de elementos naturais convidam o corpo a mover-se em harmonia e esse mesmo corpo negro não apenas aceita o convite como também passa a convidar outros a experimentar o processo de amar-se ao mesmo tempo agradece a Deus pelo próprio mergulho.

O aviso, a cena pós créditos é um aviso de que o corpo-casa está firmado na rocha e não vai desabar, a pesquisa continua e não vamos engolir ou ficar caladas nós continuaremos pesquisando, nos posicionando, lutando e conquistando nosso espaço e nosso corpo “a terra treme e agradece toda vez que uma mulher se posiciona” (Mariana Ruppel).

Figura 22 - Corpo-mar



FONTE: Acervo pessoal (2024)

Figura 23- Corpo-chão



FONTE: Acervo pessoal (2024)

Figura 24 - Corpo-ceu



FONTE: Acervo pessoal (2024)

ELEMENTOS E SIGNIFICADOS

- Ambiente natural: não há efeitos na imagem, apenas adaptação automática da câmera à luz ambiente. O propósito é trazer à tona a beleza natural de todo o conjunto ambiente e corpo.
- Praia brava: diversos símbolos, porém busco destaque em representar a imensidão da mulher negra, suas intensas ondas podem causar mudanças agitando os acomodados

trazendo à tona novidades do escuro e profundo mar.

- Água: símbolo do mergulho ao autoconhecimento, imensidão de Deus, trazer a memória e potência do povo negro que flui em nosso corpo.
- Areia: somos em muitos e quando espalhados com o vento alcançamos diversos lugares conquistando espaços.
- Vento: “o vento sopra onde quer, você ouve o barulho que ele faz, mas não sabe de onde vem, nem onde vai...” João 3:8 não por acaso o vento leva os muitos grãos de areia a fim de espalhá-los levando a mensagem de resistência formando dunas em lugares nunca vistos.
- Rocha: um lembrete para agir com prudência e sabedoria, estar firme na rocha que é Cristo pois a casa firmada na rocha não desaba.
- Cabelos soltos: resistência, liberdade, a beleza negra na sua essência sem amarras, símbolo do resgate de identidade.
- Pés descalços: para facilitar e levar o movimento-grafia para além das mãos.
- Música: a tradução do título da música é “Captura milagrosa de peixes” é uma música instrumental que também inspirou os movimentos, simboliza a minha pesca, a busca pelas minhas origens, a pesca das capacidades e do amor próprio. O jogar de rede não é algo para nos prender, e sim conectar simbolizando a rede de apoio que criamos através das lutas em conjunto.
- Cor Azul: tons de azul, a presença do Senhor é representada pelo azul das roupas, do céu e mar como fonte de vida que flui do corpo ambiente transbordando do vídeo-performance tocando outros seres “se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda ali tua mão me guiará, e a tua mão direita me susterá”. Salmos 139,8-10.
- Roupas e acessórios: para compor junto ao cenário as roupas são azuis a fim torná-los um só corpo-ambiente. O figurino é formado por uma camiseta simples de algodão de manga curta e uma calça envelope com estampa de linhas criando formas de folhagens ramos que seguem em diferentes direções assim como o fio da vida que segue o seu próprio curso, o tecido da calça é fino e leve escolhido para se mover com o vento trazendo leveza e fluidez. Há apenas um acessório, um conjunto de brincos pintados à mão eles trazem flores de diferentes tipos e cores representando o jardim da interseccionalidade.

Figura 25 - Detalhes



FONTE: Acervo pessoal (2024)

DAS COPAS: FLORES E FRUTOS

Neste capítulo, apresento os ramos das copas das árvores com suas flores e frutos, é uma análise dos processos, um relato da importância do corpo negro no campo da educação e uma reflexão sobre prática e teoria."

Produzir, ler, analisar e apresentar semestralmente o progresso desta pesquisa me permitiu um mergulho profundo. Ainda há muito a ser explorado, porém a fonte da qual bebi fortaleceu minhas raízes antes mirradas. Não imaginava a proporção que tomaria esta pesquisa. Apresentar uma performance e me apropriar de um espaço que pensei não ser meu não foi algo fácil, já que sempre somos colocados no lugar do Outro.

No processo, identifico duas versões da Miranda: uma que, por muito tempo, progrediu à sua própria maneira, fazendo o que podia com o conhecimento que tinha, carregando cargas que não eram suas, lutando contra si mesma com autocobranças, questionamentos sobre suas capacidades, sua autoimagem borrada, feridas que desconhecia, medo em excesso, necessidade de aprovação, ansiedade, necessidade de ser produtiva sem descanso, sensação de não pertencimento e fobia social. E há a versão atual da Miranda, uma mulher consciente de que a luta não é contra si mesma, mas sim contra o racismo. Ela viveu diversas experiências, como o voo da libélula, conheceu a cultura e a culinária negra, leu sobre negritude, sentiu-se representada e energizada em eventos, e experimentou no corpo o que antes apenas havia lido. Das experimentações, produziu frutos e flores como amor-próprio e autocuidado. Aprendeu que seu lugar é onde ela quiser estar, aprendeu a se priorizar, a se amar em seus detalhes, a respeitar seu tempo de crescimento e entendeu que a própria pele pode, sim, ser suave e sensível a uma carícia, e firme, fortificada para protegê-la do desdém. (Gloria Anzaldúa, 2000).

O corpo é terra de vivências e é nele e por ele que temos as experiências e memórias. É um ambiente a ser explorado de forma respeitosa, interage no e com o mundo, criando novas histórias que moldam não apenas o sujeito, mas a forma como nos relacionamos conosco e com o nosso entorno. Quando falamos de educação, ela pode ser pelas leituras em sala, mas também exploradas no corpo. Pode ser um processo livre, descontraído, mas não distraído; os sentidos do corpo desempenham papéis fundamentais para o processo de aprendizagem. Portanto, após as leituras e práticas, é evidente a importância do corpo negro na educação. Nele e através dele, conduzimos caminhos de

aprendizagem, descobertas, autoconhecimento e promovemos a representatividade.

“Dentro desse local profundo, cada uma de nós mantém uma reserva incrível de criatividade e de poder, de emoções e de sentimentos que ainda não foram examinados e registrados. O lugar de poder da mulher dentro de cada uma de nós não é claro nem superficial; é escuro, é antigo e é profundo...” (Audre Lorde 2019) Lembro-me da primeira vez que li esse texto, outra mulher negra o mostrou. Ela estava fascinada e queria compartilhar a emoção através da leitura em grupo. Li, e novamente ela leu em voz alta. Acredito que não tive a reação esperada; ela estava transbordando e eu, bom, estava na parte rasa, aprendendo a mergulhar para acessar esse lugar escuro e poderoso. “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu...” (Ec 3,1). O processo ocorreu no tempo devido, e foi possível ver as engrenagens funcionando em um encaixe perfeito, desde os estudos realizados nos semestres até as interações externas, como eventos religiosos que complementam o meu florescer. Ao ler novamente, sinto um lugar de potência dentro de mim, escuro e vivo. Hoje, visualizo essa essência transbordando, revelando minha verdadeira natureza. É um momento de autoconhecimento, orgulho e empoderamento, conectando-me à minha herança e ancestralidade.

É interessante como os processos são tão diferentes de pessoa para pessoa, especialmente quando se trata de temas que ressoam profundamente com questões de identidade, cultura e história. Temos nossa individualidade, mas também estamos conectados. Sejam poemas, pinturas, desenhos ou dança, nos vemos nos olhos uns dos outros.

Criar e realizar experimentações artísticas sem uma base teórica que tenha representatividade é como ser uma planta aérea: ela sobrevive sem solo e se fixa no que está mais próximo, ficando exposta ao tempo e dependendo dos nutrientes que chegam até ela através do ar — se chegarem. Assim era esta pesquisa: sobreviveu ao tempo, tinha alguns poucos nutrientes, mas não tinha um solo ao qual pertencer. Foi no percurso artístico que encontrou o solo e criou raízes. Nas primeiras produções, as mãos escuras que antes representavam algo negativo hoje são lembretes de que não estamos sozinhas. São as mãos escuras que nos fortalecem, nos protegem e nos impulsionam a resistir. “...olho para minha mão escura, e penso em você a milhas de distância segurando sua caneta. Você não está sozinha” (Glória Anzaldúa 2000)

A teoria sem a prática sem as experiências impossibilita a reflexão sobre a ação foi após a prática, o voo da libélula em conjunto com a teoria, trabalhos das pretas acadêmicas que despertou um novo sujeito consciente das próprias capacidades.

“O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, sejam com nós mesmas ou com os outros” (Gloria Anzaldúa 2000, p.233)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia.” (Gloria Anzaldúa)

Quando iniciei a graduação já pensava no temido trabalho de conclusão de curso, meu maior medo era me afundar em ansiedade e não conseguir escrever nem a introdução, aqui estou fazendo uma alquimia desde a primeira página e construindo as considerações finais de uma pesquisa que reafirma meu potencial e minhas raízes.

Assim como Glória Anzaldúa (2000) se questiona sobre a contribuição de sua escrita por muitas vezes também me questionei no que eu posso contribuir ao escrever, hoje compreendo que essa pesquisa é um registro das constantes ondas batendo em pedras, simboliza o amor a negritude que flui resistindo e lutando diariamente contra o desrespeito, desumanização e discriminação com o sujeito negro. “Sabemos das águas e das pedras. As águas fluem serenas ou bravias inundando os espaços. Se o desejo das pedras é barrar a fluidez das águas, aspiração perdida. As águas dimanam para o infinito. As águas passam e as pedras ficam.” (Conceição Evaristo, 2017, p. 104).

Olho para meu corpo escuro, realizando movimento-gravura e penso em você a milhas de distância se movendo em sincronia. Você não está sozinha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em Memória da Interseccionalidade. IN Interseccionalidade. Feminismos Plurais/Coordenação Djamila Ribeiro. (p.17-55). 2019

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos feministas, Florianópolis. v. 08, n. 01, p. 229-236. 2000.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. João Ferreira de Almeida. 3ªed. Nova Almeida atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. 960p.; 13,5x20,0 cm ISBN: 7899938407110

BOLSANELLO, Débora. Educação Somática: o corpo como experiência. Matriz, Rio Claro, v 11 n.2 p 99,106, mai./ago.2005

CHISALA, Upile. Eu destilo melanina e Mel. Número de páginas: 128. Leya, ISBN: 9788577346929, 2020.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1ªed, p. 49-54, 2020. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. 26 ed. São Paulo: Paz e terra, 2003.

KAUR, Rupí. O que o sol faz com as flores. São Paulo: Planeta Brasil, 2018.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, A. “A poesia não é um luxo” In: Lorde, A. Irmã outsider. Trad.: Stephanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019

MORIN, Edgard. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021. 272p.